

TEOLOGIAS DE MISSÃO E ENVOLVIMENTO PÚBLICO COMO UMA PROPOSTA DE CONTEXTUALIZAÇÃO DA MENSAGEM DA IGREJA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA¹

Tarsis Brendo Nunes da Silva²

Resumo

Na contemporaneidade vive-se um tempo onde diversas ideais e propostas de fé e prática pairam na sociedade. Nesse contexto plural, encontra-se a Igreja tentando entender o seu tempo e buscar um diálogo maduro e sensato com a sociedade contemporânea. Para isso é necessário refletir sobre quais são as falhas e os ruídos nessa comunicação da Igreja com a sociedade e como a mensagem de Jesus pode ser atraente e relevante em sua sociedade pluralista, sem impor o Evangelho. Após serem identificadas essas falhas, serão apresentadas as propostas de contextualização da mensagem da Igreja de Jesus Cristo.

Palavras-chave

Igreja; Teologia da Missão; Sociedade; Cultura.

Introdução

A Igreja tem hoje uma dificuldade em dialogar com a sociedade. E o seu discurso deslocado corre um sério risco de não ser mais útil em seu contexto local. Isso coloca em risco a identidade de sal da terra e luz do mundo que a Igreja tem. E diante dessa dificuldade, onde a Igreja está falhando em sua tarefa de levar a mensagem e prática do Evangelho na cidade?

Este artigo buscará identificar essas falhas, e para isso serão usados os teólogos Miroslav Volf, René Padilla e Lesslie Newbigin apontando cada aspecto que causam esses ruídos na comunicação. A metodologia da contextualização do Evangelho proposta por Timothy Keller ajudará na compreensão de uma prática mais atualizada de se comunicar com a sociedade contemporânea. E por último, serão apresentadas a Teologia Da Missão Integral, pela teóloga Regina Sanches, a Teologia da Igreja Missional por Keller e a proposta de engajamento público de Volf.

1. A Palavra de Deus na cultura

Como introduz, René Padilla, o ser humano é um ser cultural e pode-se dizer que a própria Palavra de Deus entrou na cultura quando se fez carne. Jesus, que é a Palavra de Deus

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de Artigo como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Teologia da Faculdade Unida de Vitória no ano de 2019, sob a orientação do Professor Valdir Stephanini.

² Graduando do Curso de Teologia da Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo. tarsisbrendo@hotmail.com

encarnada, é a demonstração que a mensagem de Deus deve estar compreensível e ao alcance da humanidade. Logo, não é possível reproduzir o evangelho isento da cultura.³ Por isso, a seguinte secção mostrará como a fé cristã dialogou com a cultura desde o primeiro século até tornar-se o âmago da cultura ocidental.

1.1. Leitura e comunicação da fé

É comum que o cristão se aproxime da Bíblia e a leia de forma simplista, sem levar em conta o contexto no qual ela foi escrita, ou os diversos autores que a escreveram.⁴ Porém, se a Escritura é a mensagem de Cristo na Terra, claramente é impossível compreendê-la sem ter conhecimento do contexto histórico em que foi produzida.⁵

René Padilla argumenta que existem 3 fatores que tornam possível a compreensão da Palavra de Deus. O primeiro é a atitude do intérprete, que precisa ser uma investigação histórica, mas esse estudo precisa, também, ter o intuito de convencê-lo do pecado e da graciosa salvação de Deus. Ao fazê-lo o intérprete estará em sintonia com autores(as) bíblicos.⁶ O segundo fator é em relação à tradição eclesiástica do intérprete, que como é impossível que ele se neutralize totalmente para interpretar a Bíblia, deve-se respeitá-la, mas é importante tomar cuidado com alguns métodos exegéticos e doutrinários, engessados, que atrapalham a compreensão da Palavra de Deus.⁷ E por último, a compreensão da Palavra é interpretada também por sua cultura. O intérprete está inserido numa cultura, ou seja, ele tem seus valores, pensamentos, propósitos e determinadas leituras de mundo que adquiriu em sua criação, educação e convívio.⁸ Certamente que a objetividade absoluta ao ler a Bíblia é impossível, pois o leitor nunca conseguirá interpretar e comunicar a Escritura de forma totalmente racionalista e neutra.⁹

Compreendendo que todas as pessoas sempre leem e comunicam o evangelho passando por sua subjetividade, Padilla mostra que o evangelho nunca conseguirá se encarnar totalmente na cultura.¹⁰ Como a Palavra de Deus se fez carne para se comunicar com a humanidade, logo, hoje, para se comunicar com o ser humano ela precisa inculturar-se. É

³ PADILLA, C. René. *Missão Integral*. 2. ed. Londrina: Descoberta, 2005. p. 96.

⁴ PADILLA, 2005, p. 96-97.

⁵ PADILLA, 2005, p. 97.

⁶ PADILLA, 2005, p. 98.

⁷ PADILLA, 2005, p. 99.

⁸ PADILLA, 2005, p. 99.

⁹ PADILLA, 2005, p. 99.

¹⁰ PADILLA, 2005, p. 100.

assim que Deus dialoga com a humanidade, como Deus busca comunicar-se passeando no Éden e se encarnando em Jesus Cristo.¹¹

1.2. A fé inculturada

O Teólogo alemão do séc. XX, Paul Tillich afirma que fé cristã, é a substância que dá sentido à cultura, e a cultura, por sua vez, é o que dá forma às preocupações básicas da fé.¹² Ou seja, a cultura acaba sendo extensão e consequência da fé cristã no meio. A cultura é também construída pelas bases da crença cristã, mostrando assim como ela pode agir influenciado a sociedade, tanto para o bem quanto para o mal.

Definindo cultura, Timothy Keller afirma:

A cultura extrai as matérias-primas da natureza e cria um ambiente. Quando extraímos a matéria-prima da terra para construir um edifício, ou quando usamos sons e ritmos para compor uma canção, ou quando transformamos nossas experiências em uma história, estamos criando um ambiente que chamamos de cultura.¹³

É no meio urbano que a cultura da sociedade se forma e se alastra, por isso contextualizar e perceber a cultura local é um meio fundamental para a propagação eficaz do evangelho.¹⁴

Mario Miranda afirma que a fé cristã sempre foi uma fé inculturada.¹⁵ Como por exemplo, no Novo Testamento, os evangelhos dialogam e espelham a cultura palestina, crendo em demônios e poderes malignos, mas quando Paulo escreve, inserido na cultura grega que cria em “principados e poderes” (Cl 1.16), surge assim atributos de Jesus Cristo que transcendem a cultura palestina. Por isso, Paulo descreve Cristo como quem governa os “poderes do cosmo” (Cl 2.8), como criador de “tronos, soberanias, autoridades e poderes” (Cl 1.15). O contexto sociocultural acaba influenciando na proclamação da fé.¹⁶

Nesse mesmo contexto grego o processo de inculturação da fé e dogmática cristã se deu nas discussões dos grande concílios.¹⁷ Nas missões da Igreja, nos séculos XVI e XVII,

¹¹ PADILLA, 2005, p. 104.

¹² TILlich, Paul. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 83.

¹³ KELLER, Timothy. *Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 108.

¹⁴ KELLER, 2014, p. 109.

¹⁵ MIRANDA, Mario de França. *Inculturação da fé: uma abordagem teológica*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 15.

¹⁶ MIRANDA, 2001, p. 18.

¹⁷ MIRANDA, 2001, p. 21.

jesuítas se aproximaram dos povos chineses e indianos em busca de uma interpretação da fé para aquelas culturas.¹⁸

Sobre a inculturação da fé, Mario Miranda define: “Essa inculturação da fé significa uma interpretação dos dados bíblicos, que não somente os traduz em outra linguagem ou os torna mais universais, mas que ainda os pode enriquecer e aprofundar mediante novas perspectivas”.¹⁹ Inculturação da fé cristã é quando numa cultura a fé e a prática cristã se desenvolvem profundamente, ao ponto de reforçarem os valores e formar uma nova comunidade.²⁰

No Ocidente, a cultura carrega conceitos e valores que provém da fé cristã como : amor fraterno, igualdade e liberdade humana, mesmo que a fé e a cultura acabem entrando em embate, por algumas de suas diferenças.²¹ Como o Ocidente carrega a fé cristã em seu núcleo, é nítido que a Declaração Universal dos Direitos Humanos é uma conquista que mostra como a fé cristã inculturada pode, progressivamente, influenciar o meio em prol da humanidade.²²

2. As falhas do diálogo Igreja-sociedade

A Igreja de Jesus Cristo tem a responsabilidade de pensar a sociedade teologicamente, e refletir no que os seguidores de Cristo, estão falhando neste diálogo Igreja-sociedade.²³ Para responder as questões existenciais da humanidade, ela precisará ouvir as vozes proféticas da sociedade, vozes essas, muitas vezes, fora da Igreja.²⁴ Será discutido no seguinte tópico onde e como a Igreja está falhando em sua proclamação da fé.

2.1. Algumas falhas da Igreja

Primeiro, é fundamental pensar qual é o papel da Igreja na sociedade. Timothy Keller, mostra que a Igreja é uma cidade, com seus valores, práticas e doutrinas dentro da sociedade, pois Cristo disse aos seus discípulos que eles eram “uma cidade situada sobre o monte” (Mt 5.14), ou seja, comunidades de seguidores de Cristo são *cidade de Deus* dentro de cada cidade na terra. Logo, há uma diferença comportamental e teórica da Igreja para a sociedade como um todo.²⁵

¹⁸ MIRANDA, 2001, p. 23.

¹⁹ MIRANDA, 2001, p. 21.

²⁰ AZEVEDO, 1986, *apud* MIRANDA, 2001. p. 38.

²¹ MIRANDA, 2001, p. 57.

²² MIRANDA, 2001, p. 103.

²³ VOLF, Miroslav. *Uma fé pública: como o cristão pode contribuir para o bem comum*. São Paulo: Mundo Cristão, 2018. p. 23.

²⁴ TILLICH, 2009, p. 91-92.

²⁵ KELLER, 2014, p. 175.

Na Escritura, a cidade é o local descrito como o ambiente onde se está de passagem, vivendo, produzindo, criando e orando por ela. Para isso a Igreja foi chamada de cidade.²⁶ A estratégia da Igreja deve ser baseada no livro de Atos dos Apóstolos, que foi proclamar o evangelho em cidades onde houvesse maior movimento comercial e religioso, para que a mensagem se espalhasse com velocidade e dinamismo.²⁷ Como Keller afirma: a Igreja é contracultural para o bem comum.²⁸

Então se a responsabilidade diante da sociedade é cooperar para o bem dela, em que sentido a Igreja contemporânea está falhando no cumprimento de sua missão? Um dos erros apontados por Keller é a pretensão e desrespeito que se comete ao achar que os cristãos são os únicos salvadores do mundo.²⁹ A Igreja é uma cidade alternativa dentro de uma cidade, por isso é importante mostrar que o materialismo, o poder e os impulsos humanos não destruirão a sociedade se todos forem cidadãos equilibrados, que respeitem todas as pessoas, e valorizem a arte e a educação.³⁰ Se o cristão for um convicto cidadão celestial, ele certamente se comprometerá ao máximo em viver como um cidadão justo na Terra, usando os recursos da Igreja para o desenvolvimento da sociedade.³¹

O teólogo, Miroslav Volf, verifica que existem religiões proféticas e religiões místicas. As religiões proféticas seriam as que estão preocupadas em interferir no mundo a fim de transformá-lo; as religiões místicas são as que fogem da realidade social em busca do encontro com o divino, que seria uma espécie de sectarismo, logo, uma omissão.³²

Mas também há falhas na busca de diálogo com o meio social. Neste movimento de se apresentar a mensagem de Deus, no meio público, pode-se cometer dois erros que são vistos como os dois extremos, segundo Volf: a ociosidade e a coercividade.³³

Na perspectiva de Volf, a ociosidade da fé é gerada em algumas situações como: crentes que não querem uma fé que lhes façam sair da zona de conforto, pessoas que preferem obedecer às diretrizes de sistemas injustos ao invés de obedecer preceitos de sua fé, ou uma fé que não se enquadre nas atuais injustiças sociais.³⁴ No fundo essas falhas da fé são o resultados da desobediência aos dois principais mandamentos: “Amarás, pois, ao Senhor, teu

²⁶ KELLER, 2014, p. 176.

²⁷ KELLER, 2014, p. 178.

²⁸ KELLER, 2014, p. 205.

²⁹ KELLER, 2014, p. 201.

³⁰ KELLER, 2014, p. 204.

³¹ KELLER, 2014, p. 205-206.

³² VOLFF, 2018, p. 24.

³³ VOLFF, 2018, p. 30-31.

³⁴ VOLFF, 2018, p. 41.

Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças” (Mc 12.30) e “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12.31).³⁵

Já o teólogo e missiólogo, Lesslie Newbigin, confirma que existe, na atualidade, um conflito entre aqueles que enfatizam o evangelismo, e os que priorizam a ação social e a promoção da justiça.³⁶ Jesus veio e confrontou a todos com o evangelho do reino, por isso, o tema central que se deve ter é: que este Reino não pode ser confundido, restritamente com Igreja, pois ela é o legado deixado para portar o Reino de Deus.³⁷

Newbigin vai listar dois possíveis erros comuns que podem ser cometidos na proposta de missão: dar exclusividade à conversão, à prática do batismo e ao crescimento da igreja, fazendo assim da missão um movimento de multiplicação de membros e negligenciando a ação da justiça³⁸; ou, só priorizar as práticas de justiça social e demonizar o evangelismo, taxando-o de “opressor”.³⁹

No entanto, existe verdade nos dois pontos de vista. Newbigin acredita ser imprescindível levar a mensagem do Evangelho a todos e que a presença da igreja é indispensável, e também como pensam os ativistas sociais, a igreja deve ser um sinal do Reino que ouve o clamor dos necessitados e das vítimas.⁴⁰ A missão não é uma missão particular, mas sim de Deus, guiando, ao fim de todas as coisas, pelo caminho da Graça.⁴¹

2.2. O desafio da contextualização

Nesta proposta de envolvimento na sociedade, desenvolve-se a perspectiva da contextualização do Evangelho. A prática da contextualização consiste em adaptar a mensagem a determinada cultura, sem omitir as identidades e características essenciais do evangelho.⁴² Precisa ser uma comunicação que não seja alheia às necessidades humanas e contextuais dos ouvintes.

Keller ensina que para haver contextualização é necessário passar por três fases: (1) entrar na cultura, (2) desafiar a cultura, e (3) apelar aos ouvintes.⁴³ Entra-se na cultura conhecendo os ouvintes, e suas necessidades. Todas as confissões de fé feitas pelas igrejas são

³⁵ VOLF, 2018, p. 96.

³⁶ NEWBIGIN, Lesslie. *O Evangelho em uma sociedade pluralista*. Viçosa: Ultimato. 2016. p. 173.

³⁷ NEWBIGIN, 2016, p. 175.

³⁸ NEWBIGIN, 2016, p. 177.

³⁹ NEWBIGIN, 2016, p. 178.

⁴⁰ NEWBIGIN, 2016, p. 178-179.

⁴¹ NEWBIGIN, 2016, p. 177.

⁴² KELLER, 2014, p. 107.

⁴³ KELLER, 2014, p. 144.

respostas às perguntas de um lugar e de um tempo específico.⁴⁴ Por isso, é mais coerente que uma teologia de missão entenda qual é o povo e a necessidade do campo local. Recomenda-se que se busque opiniões acadêmicas e desenvolva relacionamentos com a população local.⁴⁵ Assim todas as instituições humanas se tornam alvos do Reino de Deus e espaço para Igreja ser Igreja. Ao desafiar a cultura, o indivíduo ou a comunidade começa a argumentar com base nas particularidades dessa cultura, fazendo críticas e colocando na balança o que achar errado.⁴⁶ A última fase é apelar aos ouvintes. Isto é, como Paulo, deve-se apresentar Cristo como fonte de restauração do ser humano encorajando-o a ter fé sabendo que Jesus é a resposta de seus anseios.⁴⁷

É nítido também que a Igreja deve pensar no tempo em que ela está inserida. Um tempo em que o pluralismo de ideias é muito presente. O teólogo britânico John Stott argumenta que três fatores deram origem ao pluralismo. O primeiro é o processo de secularização, que diminuiu o número de crentes na Europa desde a Segunda Guerra Mundial.⁴⁸ O segundo e o terceiro fator são o aumento das opções religiosas e o desenvolvimento de uma mentalidade pós-moderna que relativiza instituições como o casamento e estilhaça todas as crenças.⁴⁹

Então como agir diante desse contexto? Stott constata que a melhor forma de se portar biblicamente diante do pluralismo é através da persuasão.⁵⁰ Ou seja, a Igreja deve trabalhar sendo diferente no meio da sociedade. Como em Mateus 5.13-16, Jesus compara a Igreja à luz e ao sal, entendendo que os seus discípulos são contraste dos pecados sociais⁵¹, e agentes de conservação dos valores, impedindo a sociedade de se deteriorar.⁵² Logo, a função de ser sal e luz é uma característica de todos os cristãos em comunhão, e não de alguns isolados.

Padilla afirma que, na contemporaneidade, há uma tendência a achar que missão é algo destinado para poucos e acaba-se resumindo a missão à prática de “salvar almas e formar igrejas que resultam da soma de indivíduos”.⁵³ Porém, é louvável entender a perspectiva comunitária da vida humana. Como Padilla afirma “o ser humano foi criado como um ser social, ele não se realiza como pessoa isolando-se dos outros, mas como pessoa-em-

⁴⁴ KELLER, 2014, p. 144-145.

⁴⁵ KELLER, 2014, p. 145.

⁴⁶ PADILLA, C. René. *O que é missão integral?* Viçosa: Ultimato. 2009. p.19.

⁴⁷ KELLER, 2014, p. 156.

⁴⁸ STOTT, John. *Os cristãos e os desafios contemporâneos*. Viçosa: Ultimato, 2014. p. 74.

⁴⁹ STOTT, 2014, p. 75-77.

⁵⁰ STOTT, 2014, p. 81.

⁵¹ STOTT, 2014, p. 87.

⁵² STOTT, 2014, p. 81.

⁵³ PADILLA, 2009, p. 57.

comunidade”.⁵⁴ Só se entende a missão quando a Igreja sem vê como cristãos que vivem de forma comunitária. Como afirmou Francis Schaeffer: em Atos 13, os indivíduos se tornavam cristãos, mas não cristãos individualistas, de maneira que, quando o Espírito Santo separou Paulo e Barnabé para a primeira viagem missionária, os membros da igreja agiram com unidade.⁵⁵

Um dos grandes problemas que Padilla menciona é a falta de teologia no contexto latino-americano, pois grande parte da literatura cristã consumida pela igreja é traduzida do inglês, e pouca dela é escrita por teólogos da América do Sul.⁵⁶ E dessa ausência de teologia nas igrejas ocorrem pelo menos duas situações: a visão de que a evangelização e a teologia são duas coisas opostas e a exacerbada ênfase no crescimento quantitativo da igreja.⁵⁷

Desta escassez teológica, surgem algumas consequências sérias. A igreja perde totalmente o poder de combater às ideologias de momento, como o marxismo, que é a ideologia mais presente no meio da juventude.⁵⁸ A Igreja também acaba por não conseguir dialogar com segundas e terceiras gerações de cristãos. Pois pelo fato da sociedade impor ao jovem tantos problemas e questionamentos que ele não aprende a lidar na escola dominical, por falta de uma teologia saudável e contextualizada, ele acaba por ceder.⁵⁹

Padilla vai propor mais uma vez que se tenha um evangelho mais contextualizado, por ser uma das consequências da escassez teológica das igrejas latino-americanas.⁶⁰

2.3. Reduccionismo da missão da Igreja

Existem hoje determinados comportamentos que reduzem a perspectiva de missão da Igreja no mundo. Primeiramente, como o teólogo Lesslie Newbigin, não é bom ver a missão como um “mandato missionário”, pois esta visão coloca a ação missionária como um peso ou obrigação.⁶¹ Então, ver o conceito de missão como um mandato, acaba por voltar à ideia de salvação pelas obras e dá a impressão que os salvadores daqueles que ainda não creem em Cristo é exclusivamente, a Igreja. Porque, na verdade, até Cristo disse que as obras que ele efetuava eram do Pai.⁶² Portanto, a missão não deve ser vista como um fardo e sim como uma alegria, e esta seria a primeira correção de uma visão missionária reducionista.

⁵⁴ RENÉ PADILLA. 2009, p. 58.

⁵⁵ SCHAEFFER, Francis A. *A igreja do final do século XX*. Brasília: Sião, 1988. p. 73-74.

⁵⁶ PADILLA, 2005, p. 106-107.

⁵⁷ PADILLA, 2005, p. 109-111.

⁵⁸ PADILLA, 2005, p. 114.

⁵⁹ PADILLA, 2005, p. 115.

⁶⁰ PADILLA, 2005, p. 112.

⁶¹ NEWBIGIN, 2016, p. 155.

⁶² NEWBIGIN, 2016, p. 157.

Padilla lista 4 dicotomias que impedem a missão e a reduzem a uma missão transcultural. A primeira é a dicotomia entre países que enviam missionários e as que recebem; a segunda é entre o lar e o campo missionário; a terceira é entre missionários do campo e os cristãos comuns; e por último é a dicotomia entre vida e missão da igreja.⁶³ A missão integral busca, em sua configuração, desfazer tais dicotomias. Mas atentando à segunda e à quarta dicotomia, vê-se que a missão integral não diferencia lar de campo missionário, porque “o mundo todo é um campo missionário e cada necessidade humana é uma oportunidade de ação missionária”.⁶⁴ A quarta dicotomia se resolve quando se compreende a vida cristã em todas as dimensões e circunstâncias testemunha a soberania e o amor de Jesus Cristo, ou seja, tudo o que o cristão faz em seu dia a dia é missão.⁶⁵ Sustentando, desta forma, René Padilla : “Cada geração de cristãos em todos os lugares recebe o Espírito que torna possível o testemunho do evangelho ‘tanto em Jerusalém como em toda Judeia e Samaria e confins da terra’ (At 1.8)”.⁶⁶

Superando esta dicotomia, pode-se compreender que a Igreja é chamada para transformar o seu contexto local regional, e mundial, cumprindo o seu papel de representar o Reino de Deus com sua justiça transformadora pessoal e comunitária.⁶⁷ É necessário um envolvimento com a sociedade como mostra Newbigin:

o cumprimento da missão requer que a própria igreja seja transformada aprenda coisas novas. É muito claro que a igreja teve de aprender algo novo como consequência da conversão de Cornélio e sua família. E, mais uma vez, o argumento deve ser apresentado: não se trata de uma realização da igreja, mas de uma obra do Espírito[...]Assim, a igreja dá mais um passo no sentido de se tornar um lar para as pessoas de todas as nações e um sinal da unidade de todos. Os dois últimos séculos viram passos gigantescos ao longo dessa estrada. A igreja agora pode ser reconhecida como uma comunidade universal na qual todas as culturas humanas podem ser acolhidas.⁶⁸

O que acontece em muitos casos é a falta de humildade de alguns comunicadores do evangelho, quando tentam proclamar a mensagem cristã noutra cultura e simplesmente ignoram que aquela cultura também possa ter algo para lhe ensinar. Cai-se na armadilha da “mão-única”, que é equivocada, porque somos seres humanos limitados, mesmo transmitindo a mensagem do evangelho.⁶⁹

⁶³ PADILLA. 2009, p. 16-17.

⁶⁴ PADILLA. 2009, p. 20.

⁶⁵ PADILLA. 2009, p. 21.

⁶⁶ PADILLA. 2009, p. 17.

⁶⁷ PADILLA. 2009, p. 18.

⁶⁸ NEWBIGIN, 2016, p. 164.

⁶⁹ KELLER, 2014, p. 121.

O processo de desafio da cultura não é possível sem o conhecimento prévio e relacional da mesma. O apóstolo Paulo, em Atos 17, usou o que havia de comum entre a fé cristã e a religião grega, e com sua persuasão foi capaz de convencer alguns usando argumentação lógica.⁷⁰ Keller, assim como Miranda, usa os argumentos de que os direitos humanos fazem sentido por terem sido baseados na crença cristã, e da falta de esperança na sociedade atual é uma carência do transcendente, para persuadir e comunicar a mensagem do evangelho: “uma cultura que valoriza bastante os direitos humanos e a justiça deve saber que a doutrina bíblica da imagem de Deus é o fundamento histórico e lógico dos direitos humanos.”⁷¹

3. Teologias de missão como uma solução

O término da era colonial fez com que a Igreja enxergasse os seus problemas missionários. Agora a missão pode ser pregada colocando, verdadeiramente, Jesus Cristo no centro, e não mais ser pregada banhada por alguma ideologia ocidental.⁷² Portanto, as teologias de missão, e o engajamento público proposto por Volf, serão apresentados como possíveis soluções para o diálogo da Igreja com a sociedade.

3.1. Teologia da Missão Integral

Como uma possível solução para a falta de contextualização da mensagem da Igreja, há a Teologia da Missão Integral. Como conta Regina Sanches, a Teologia da Missão Integral veio dos movimentos de missão do evangelicalismo⁷³ histórico efetuados na América Latina, por volta dos séculos XIX e XX. Ela nasce da reflexão de alguns teólogos e teólogas latino americanos(as), que estudavam e militavam a favor de uma visão holística de missão.⁷⁴ Teólogos como René Padilla, Orlando Costas, entre outros, se prontificaram a pensar numa teologia de missão diferente das outras, e que levasse em conta o contexto econômico, político e cultural da América Latina.⁷⁵ Eles chegaram à compreensão que o método de se

⁷⁰ KELLER, 2014, p. 150.

⁷¹ KELLER, 2014, p. 149.

⁷² PADILLA, 2005, p. 147.

⁷³ Movimento que surge a partir dos anos 50, onde diversas agências paraeclesiais identificadas com os princípios do Pacto de Lausanne (documento que estabelece em 15 itens o consenso teológico das lideranças evangélicas, afirmando a infalibilidade da Bíblia, a rejeição do diálogo com outras religiões e a diferença entre evangelização e responsabilidade social) se instalaram na América Latina, sem que houvesse uma instituição para que se congregasse. Sua proposta primária era ser uma alternativa às correntes progressistas da América Latina. FILHO, Fernando Bortolotto (org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 418-419.

⁷⁴ SANCHES, Regina F. *Teologia da Missão Integral*. São Paulo: Reflexão, 2009. p. 58-59.

⁷⁵ SANCHES, 2009, p. 59.

pensar missão estava ultrapassado, todavia preferiram não abrir mão da tradição protestante evangélica, porque era o seu lugar teológico de se pensar.⁷⁶

Como boa parte do que assola a América Latina, é a fome, morte, escassez e precariedade, o alvo da missão integral se baseia não em temas existenciais como na Europa, mas sim em temas concretos e até necessidades fisiológicas.⁷⁷

A teologia da Missão Integral utiliza, como pode-se observar, uma hermenêutica contextual como método interpretativo. Isto é, ela enxerga a Palavra de Deus no âmbito vivencial, conseguindo entender o contexto da atualidade e analisá-lo na perspectiva do Reino de Deus⁷⁸. Esta chave hermenêutica do Reino de Deus foi proposta por Juan Stam, acompanhado de outros teólogos latino americanos.⁷⁹

Padilla mostra que a Igreja se apresenta como a comunidade do Reino, e esta comunidade se diferencia pelo fato de crer que Jesus é o Messias, e logo, ser seu rebanho (Mt 26.31).⁸⁰ Após o Pentecostes, o Reino de Deus se potencializou pela presença do Espírito Santo e começa a manifestar os seus dons por onde vai. Padilla descreve a igreja como o resultado da ação de Deus por meio do Espírito.⁸¹ O que faz da Igreja um corpo, com os seus membros unidos pelo Espírito de Deus, que é o responsável da existência da Igreja.⁸²

Quando a Igreja age ou serve a sociedade, ela está proclamando o Reino de Deus e manifestando Cristo na Terra.⁸³ E Cristo convida os seus seguidores e suas seguidoras a demonstrar o Reino em todas as nações (Mt 28.18-20).⁸⁴ Deus é o criador do universo e o juiz da humanidade, obstinado a reconciliar todos. Não que todos consigam ser alcançados, mas que a Igreja proclame o Reino de Deus a todos cumprindo a vontade de Jesus (At 1.8).⁸⁵

A teologia da Missão Integral compreende bem que o contexto sócio-histórico e cultural é diferente dos contextos bíblicos, mas há nela a convicção de que a Palavra de Deus ajuda a transformar o meio social à luz dos preceitos do Reino de Deus. Todavia, existem alguns desafios que precisam ser enfrentados na prática da missão integral, como o teólogo Julio Zabatiero ressalta. Primeiro, é necessário vencer o dualismo ontológico espírito-matéria, herdado pela filosofia grega.⁸⁶ Na Escritura, encontramos uma dualidade Espírito-carne, onde

⁷⁶ SANCHES, 2009, p. 60.

⁷⁷ SANCHES, 2009, p. 119.

⁷⁸ SANCHES, 2009, p. 137.

⁷⁹ SANCHES, 2009, p. 140.

⁸⁰ PADILLA, 2005, p. 204.

⁸¹ PADILLA, 2005, p. 205.

⁸² PADILLA, 2005, p. 206.

⁸³ PADILLA, 2005, p. 207.

⁸⁴ PADILLA, 2005, p. 208.

⁸⁵ PADILLA, 2005, p. 210.

⁸⁶ ZABATIERO, Julio. *Para uma Teologia Pública*. São Paulo: Fonte Editorial. 2011. p. 81.

a palavra carne não pode ser interpretada como matéria ou a parte física e sim um comportamento que carece da Graça de Deus.⁸⁷ Essa visão equivocada (dualismo espírito-matéria) lançada à Escritura traz danos graves à forma como se enxerga a natureza, pois a visão dualista faz as pessoas preterirem o que é natural: como ecologia, sexualidade e saúde física.⁸⁸

O outro desafio apresentado por Zabatiero é a moralidade convencional. Que seria basicamente a prática de não se opor aos comportamentos desumanos da sociedade, como por exemplo, o patriarcalismo. Basicamente, são pessoas conformadas e indiferentes às imoralidades sociais.⁸⁹ Esse quadro só pode ser superado em amor através do Espírito de Deus.⁹⁰

Compreendendo isso, é possível pensar na teologia da missão integral como missão da Igreja local em seu contexto. A Igreja se torna uma comunidade apostólica no mundo, onde seu intuito não é a plantação de mais igrejas, mas sim agir na sociedade como agente transformador⁹¹, com o olhar da integralidade que ajuda a abraçar a sociedade.⁹² Em relação a isso Sanches observa:

O olhar da perspectiva da integralidade deverá orientar a tarefa teológica, tanto no exercício hermenêutico em relação aos textos bíblicos, como em relação à realidade humana em geral. É na dinâmica do olhar integrador, que envolve passado compreendido em perspectiva abrangente, o presente em sua totalidade e o futuro como esperança histórica e escatológica, que se constrói uma teologia integral.⁹³

Através desse olhar do Reino de Deus, Jesus Cristo se manifesta com sua salvação, paz, restauração e justiça. Estes valores estão inseridos na mensagem da Teologia da Missão Integral.⁹⁴

3.2. Teologia da Igreja Missional

Timothy Keller narra que primeiramente o termo *missional* surgiu, no meio do protestantismo histórico⁹⁵ e círculos ecumênicos, ligada à expressão *missio Dei*.⁹⁶ Mas o

⁸⁷ ZABATIERO, 2011, p. 81.

⁸⁸ ZABATIERO, 2011, p. 82-83.

⁸⁹ ZABATIERO, 2011, p. 88.

⁹⁰ ZABATIERO, 2011, p. 89.

⁹¹ SANCHES, 2009, p. 145.

⁹² SANCHES, 2009, p. 147.

⁹³ SANCHES, 2009, p. 147-148.

⁹⁴ SANCHES, 2009, p. 142.

⁹⁵ Conjunto que engloba as Igrejas nascidas direta ou indiretamente da Reforma do séc XVI. Em 1529, na segunda DIETA DE Espira, os seus representantes protestaram em favor da liberdade para cada indivíduo escolher sua religião por direito. Composto por Igrejas luteranas, reformadas, anabatistas e anglicana. Suas

termo “missional” se popularizou após Darrel Guder escrever um livro chamado *Igreja Missional* juntando as ideias de dois importantes teólogos da missão: Lesslie Newbigin e David Bosch.⁹⁷

Lesslie Newbigin, teólogo inglês, era muito envolvido com as igrejas da Índia, país onde fora missionário. Na Índia as igrejas eram bem presentes em todas as áreas da sociedade. Quando Newbigin retorna à Inglaterra, se depara com uma Inglaterra diferente, pois o número de cristãos havia diminuído e as instituições já não respeitavam o Cristianismo.⁹⁸ Os líderes e pastores não ensinavam os fiéis a pensar a sociedade e como sobreviver com uma fé cristã num contexto secularizado.⁹⁹ A batalha de Newbigin passa a ser convencer os cristãos que eles não estavam mais numa sociedade cristã e que se opor aos deuses do Iluminismo e da autonomia da razão humana seria essencial.¹⁰⁰

Para Newbigin, a única forma de servir as pessoas da sociedade e prestar contas somente a Deus, fazendo efeito no meio público, é através de uma hermenêutica da congregação cristã, que verdadeiramente vive pelo evangelho.¹⁰¹ Essa comunidade possui seis características: é uma comunidade de louvor, pois não duvida de seu Deus e anda com consciência da maravilhosa graça de Deus, e por isso é compassivo com o próximo; é comprometida com a verdade, sem se render à propaganda moderna para crescer, mas anda com prudência, e com os pés no chão; é uma comunidade que se preocupa com sua vizinhança e olha o seu contexto, buscando o diálogo local; tem um grupo de homens e mulheres engajados e aptos a exercer o seu sacerdócio no trabalho, na vida doméstica e no meio público, assim é necessário ter um pastor teologicamente instruído para isso; precisa ter consciência da mutualidade da congregação, para que todos os dons sejam usados em prol da sociedade; e por último, ela deve ser esperançosa, para que a missão nunca caia na desistência.¹⁰²

David Bosch pensa na missão como o ato de proclamar Cristo e cuidar do pobre. A sua ideia era que Deus queria reconciliar a criação tendo a Igreja como agente, e para ele dois erros não podiam ser cometidos: o afastamento da sociedade e o reerguimento de uma

convicções comuns são: a priorização da salvação, e da justificação somente pela fé. LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 1445-1446.

⁹⁶ KELLER, 2014, p. 297.

⁹⁷ KELLER, 2014, p. 303.

⁹⁸ KELLER, 2014, p. 299.

⁹⁹ KELLER, 2014, p. 299.

¹⁰⁰ KELLER, 2014, p. 300.

¹⁰¹ NEWBIGIN, 2016, p. 290-291.

¹⁰² NEWBIGIN, 2016, p. 291-297.

crisandade.¹⁰³ Bosch também criticou muito o Iluminismo, o consumismo e o individualismo.¹⁰⁴

Por fim, a ideia de Guder se tornou conhecida e começou a ser motivo de muitos debates. Keller caracterizará a Igreja missional como uma igreja que confronta os ídolos modernos como o materialismo, com toda a sua ambição consumista e geradora de injustiças. Ou seja, a igreja necessita abordar o pecado que enaltece o acúmulo de bens materiais em detrimento da vida humana; uma igreja que reconhece que a pregação tradicionalista pode ofender a atual geração; uma igreja que é consciente de que todos os cristãos, sejam eles doutos ou leigos, possuem o sacerdócio real, e por isso devem se engajar em sua vizinhança e ter uma postura justa em sua área profissional; uma igreja que serve a cidade ou o seu bairro, dando atenção e visibilidade aos problemas sociais; e por fim uma igreja unida e acolhedora para com os que não professam a fé cristã.¹⁰⁵

3.3. Persuasão e Teologia Pública.

Todas as propostas de teologia de missão apresentadas dialogam bem com a sociedade e ensinam como a Igreja pode ser influente no meio público. E diante de tantos pensamentos, há também uma hipótese que é consensual para pelo menos 3 teólogos apresentados: Padilla, Stott e Volf. Que é a persuasão. Ambos creem que a melhor forma de se fazer teologia na sociedade é fazendo teologia e demonstrando através de persuasão que vale a pena ter uma vida pautada nos preceitos de Cristo. Referente a isso, Padilla diz o seguinte:

Hoje, assim como no século 16, ainda é certo que, se os indígenas (e outros grupos) forem se converter à fé cristã, eles se converterão genuinamente quando a evangelização não fizer uso da coerção, mas sim da persuasão (non coaction sed persuasione). É a esse tipo de evangelização que o evangelho nos convoca.¹⁰⁶

John Stott afirma que melhor que a não-ação ou a imposição da fé, é a estratégia da persuasão pois assim a mente humana compreende melhor o que está sendo dito e leva o ouvinte a pensar.¹⁰⁷ A persuasão com base na fé cristã é o antídoto para a coerção. Como Volf afirma: “A cura contra a violência cristã não consiste em menos fé cristã, mas sim, em mais fé cristã”.¹⁰⁸

¹⁰³ BOSCH, 1995 *apud* KELLER, 2014, p. 301.

¹⁰⁴ KELLER, 2014, p. 302.

¹⁰⁵ KELLER, 2014, p. 321-324.

¹⁰⁶ RENÉ PADILLA. 2009, p. 108.

¹⁰⁷ STOTT, 2014, p. 81.

¹⁰⁸ VOLF, 2018, p. 60.

Tanto a teologia da missão integral quanto a teologia da igreja missional, bebe dessa ideia da persuasão como metodologia. A teologia da missão integral usa a hermenêutica do Reino de Deus para fazer missão de forma contextual, sempre levando em conta os males e injustiças latino-americanos.¹⁰⁹ A teologia da igreja missional herdou de Newbigin a ideia de uma hermenêutica da congregação que pensa a sociedade tentando não enxergá-la com um olhar totalmente pejorativo.¹¹⁰

Para isso, como acredita Manfred Kohl, a igreja deve recuperar, o quanto antes, sua voz profética na sociedade e servi-la, dado que sempre há espaço para o serviço.¹¹¹ A voz da Igreja se manifesta, verdadeiramente acompanhada de amor, solidariedade, e compaixão.¹¹² Os seus olhos devem estar voltados para a reconciliação dos menos favorecidos e, definitivamente precisa ser uma Igreja que combate a violência. Na formação de novos líderes, é necessário haver treinamento para lidar com questões interpessoais e até referentes aos problemas financeiros da Igreja.¹¹³ A voz profética da Igreja dialoga com o presente e o futuro, e esta precisa ser resgatada.¹¹⁴

Miroslav Volf dialoga com essa ideia, e acredita que é necessário ter uma fé ativa. Mas para se ter essa fé ativa é preciso usar a fé, não só no âmbito privado, mas em toda esfera vital. Desenvolver sentimento comunitário para aplicar a fé profeticamente, trazendo descanso para as vidas necessitadas. Há sentido na vida quando todos trabalham para o bem da comunidade.¹¹⁵ Stott também parece compactuar dessa ideia quando externa que uma das formas da igreja dialogar e contribuir para o bem da sociedade é agindo no meio sociopolítico, participando de debates e ocupando cargos políticos, uma vez que Cristo chamou a igreja para ser envolvida na sociedade, escrevendo e se posicionando em prol de todos.¹¹⁶

E é claro que para entrar no diálogo público precisa-se saber lidar com o pluralismo. No entanto, Miroslav Volf acredita que o pluralismo da atualidade é incapaz de incluir todas as religiões no âmbito público, por determinadas instituições religiosas possuírem ideias e ações que são contra a ideia de serem vistas como iguais às outras religiões. O problema

¹⁰⁹ SANCHES, 2009, p. 137.

¹¹⁰ NEWBIGIN, 2016, p. 291-297.

¹¹¹ KOHL, Manfred W.; BARRO, Antonio Carlos (orgs.). *A Igreja do futuro*. Londrina: Descoberta, 2011. p. 267.

¹¹² KOHL, 2011, p. 267.

¹¹³ KOHL, 2011, p. 265.

¹¹⁴ KOHL, 2011, p. 269.

¹¹⁵ VOLFF, 2018, p. 52.

¹¹⁶ STOTT, John. *A Igreja autêntica*. Viçosa: Ultimato, 2013. p. 137.

acaba vindo de dentro de determinadas instituições religiosas e não da proposta em si. No fundo, é impossível evitar a exclusão de algumas crenças, pois elas mesmas se excluem.¹¹⁷

Para Volf, o problema do pluralismo é a ideia de reduzir as particularidades religiosas, ou negá-las em nome de uma “igualdade subjacente” (termo usado por Volf). Em resumo não há base comum, como ele afirma muito bem: “Cada uma é composta por um conjunto de vagamente relacionados rituais, práticas e reivindicações metafísicas, históricas e morais da verdade”¹¹⁸

A proposta de Volf, é que no diálogo público todos falem com *a própria voz* e perspectiva religiosa. Assim, seria um equívoco pensar em todas as crenças como iguais, pois se fosse assim, todos falariam o mesmo então não haveria pluralidade. O que não significa o isolamento das perspectivas religiosas e sim que, as demais crenças e a igreja dialoguem e concordem em assuntos maiores.¹¹⁹

Por fim, em relação à fé cristã de Volf, o que definiria o papel da Igreja, e o que impulsionaria a paz e a vivência harmônica da sociedade seria a crença no tema central do Cristianismo: Deus amou o mundo e deu sua vida por pecadores e transgressores gerando seguidores que amam seus inimigos (Jo 3.16 e Rm 5.6). O amor cristão não significa concordar com tudo e sim fazer o bem. Quando a Igreja assumir a identidade cristã com suas particularidades e ações morais, ela estará cooperando para o bem da sociedade.¹²⁰

Conclusão

Foi visto com Padilla, como é impossível que se leia a Bíblia sem ser afetado pela cultura no qual se está inserido, e como a fé cristã foi uma fé inculturada desde sua fundação, inculturando-se até ser hoje o núcleo da cultura ocidental com um grande poder gerador de direitos e justiça sociais. Também foram identificados alguns erros que a Igreja comete no diálogo Igreja-sociedade contemporâneo: o desrespeito à sociedade, a coercitividade e a ociosidade da Igreja, e os dois extremos na prática de missão: a exclusividade à implantação de igrejas ou a exclusividade às injustiças sociais cuidando só dos financeiramente necessitados.

Keller mostrou como a proposta de contextualização é um desafio grande, que requer investigação, pesquisa, conhecimento de campo, e muita empatia para com a sociedade. René Padilla esclareceu como a América Latina carece de uma teologia própria para que equívocos

¹¹⁷ VOLF, 2018, p. 154.

¹¹⁸ VOLF, 2018, p. 155.

¹¹⁹ VOLF, 2018, p. 156-157.

¹²⁰ VOLF, 2018, p. 159.

como a demonização da teologia e a separação Igreja-teologia não sejam cometidos, e nem se enfatize dicotomias que reduzam a perspectiva missionária de uma ação mais inclusiva e humanizadora para uma atividade exclusivista e superficial.

Como solução para esses problemas foi apresentado a perspectiva da Teologia da Missão Integral, fruto de uma grande reflexão feita a partir da América Latina, buscando uma proposta de teologia mais contextual e compatível com os problemas da América do Sul; o quadro da Teologia da Igreja Missional, desenvolvida a partir das ideias de Newbigin e Bosch, com uma brilhante metodologia de contextualização do Evangelho e ação da Igreja na cidade; e por último, a alternativa de persuasão através do engajamento público de Miroslav Volf, propondo que a Igreja assuma a sua postura de fé cristã no debate público, falando à luz do seus valores éticos e morais, buscando um diálogo respeitoso com as demais religiões, em prol do bem comum.

Referências:

- FILHO, Fernando Bortolletto (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.
- KELLER, Timothy. *Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- KOHL, Manfred W.; BARRO, Antonio Carlos (Orgs.). *A Igreja do futuro*. Londrina: Descoberta, 2011.
- LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MIRANDA, Mario de França. *Inculturação da fé: uma abordagem teológica*. São Paulo: Loyola, 2001.
- NEWBIGIN, Lesslie. *O Evangelho em uma sociedade pluralista*. Viçosa: Ultimato. 2016.
- PADILLA, C. René. *Missão Integral*. 2. ed. Londrina: Descoberta, 2005.
- PADILLA, C. René. *O que é Missão Integral?* Viçosa: Ultimato. 2009.
- SANCHES, Regina F. *Teologia da Missão Integral*. São Paulo: Reflexão, 2009.
- SCHAEFFER, Francis A. *A Igreja do final do século XX*. Brasília: Sião, 1988.
- STOTT, John. *A Igreja autêntica*. Viçosa: Ultimato, 2013.
- STOTT, John. *Os cristãos e os desafios contemporâneos*. Viçosa: Ultimato, 2014.
- TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- VOLF, Miroslav. *Uma fé pública: como o cristão pode contribuir para o bem comum*. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.
- ZABATIERO, Julio. *Para uma Teologia Pública*. São Paulo: Fonte Editorial. 2011.